

**ANÁLISE DA PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO COM ANTI-INFLAMATÓRIOS NÃO ESTEROIDAIIS EM UMA DROGARIA DE ESPÍRITO SANTO DO PINHAL-SP****ANALYSIS OF THE PREVALENCE OF SELF-MEDICATION WITH NON-STEROID ANTI-INFLAMMATORIES IN A DRUG OF ESPÍRITO SANTO DO PINHAL-SP**

**Julia Ignacio NORONHA<sup>1</sup>; Inês Juliana Martorano GIARDINI<sup>2</sup>; Denise Vallim PASOTTI<sup>3</sup>; Camilla Maria Prudêncio Pilla TEIXEIRA<sup>4</sup>**

1. *Graduação em Farmácia; Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal UNIPINHAL. – Brasil; E-mail: julia98noronha@hotmail.com*

2. *Doutora em Biologia Funcional e Molecular; Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal UNIPINHAL. –Brasil; E-mail: prof.ines.giardini@unipinhal.edu.br*

3. *Especialista em Farmácia-Bioquímica, em Microbiologia e em Saúde Pública; Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal UNIPINHAL. –Brasil; E-mail: dvpasotti@yahoo.com.br*

4. *Mestre em Biotecnologia; Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal UNIPINHAL. –Brasil; E-mail: cmpilla@yahoo.com.br*

**RESUMO**

Caracteriza-se por automedicação o uso de medicamento sem prescrição médica, odontológica ou farmacêutica, que pode mascarar e agravar doenças ou gerar intoxicações. Sua prática é crescente no Brasil, principalmente com o uso dos anti-inflamatórios não esteroidais (AINES). O objetivo deste trabalho foi avaliar a prevalência da automedicação com AINES dos clientes de uma drogaria e possíveis reações adversas. Trata-se de um estudo com abordagem quantitativa, no qual foram aplicados 100 questionários durante a compra de medicamentos em uma drogaria, localizada no município de Espírito Santo do Pinhal-SP, Brasil, em agosto de 2019. O questionário era composto de questões fechadas abordando: gênero; idade; escolaridade; profissão; efeitos adversos e perguntas sobre a automedicação com AINES. Observou-se que 69% se automedicam com anti-inflamatórios não esteroidais principalmente por já terem o medicamento em casa. Os medicamentos mais utilizados pelos entrevistados foram a dipirona, nimesulida, paracetamol e diclofenaco, tendo como a principal reação adversa a dor de estômago. Pôde-se concluir que a taxa de automedicação é muito alta em relação ao uso dos AINES e mostra a necessidade de maiores orientações sobre o uso desses medicamentos, principalmente pelo profissional da saúde, pois o uso inadequado pode agravar ou ocasionar outros problemas de saúde.

**Palavras-chave:** Automedicação; Anti-inflamatórios Não Esteroidais; Reação Adversa Medicamentosa

**ABSTRACT**

Self-medication is characterized by the use of medication without a medical, dental or pharmaceutical prescription, which can mask and aggravate diseases or generate intoxications. Its practice is growing in Brazil, mainly with the use of non-steroidal anti-inflammatory drugs (NSAIDs). The objective of this study was to evaluate the prevalence of self-medication with NSAIDs of customers of a drugstore and possible adverse reactions. This is a study with a quantitative approach, in which 100 questionnaires were applied during the purchase of medicines at a drugstore, located in the city of Espírito Santo do Pinhal-SP, Brazil, in August 2019. The questionnaire was composed of closed questions addressing: gender; age; schooling; profession; adverse effects and questions about self-medication with NSAIDs. It was observed that 69% self-medicate with non-steroidal anti-inflammatory drugs mainly because they already have the medication at home. The drugs most used by the interviewees were dipyrone, nimesulide, paracetamol and diclofenac, with stomach pain as the main adverse reaction. It was concluded that the rate of self-medication is very high in relation to the use of NSAIDs and shows the need for further guidance on the use of these drugs, especially by the health professional, as the inappropriate use can aggravate or cause other health problems.

**Keywords:** Self-medication; Non-steroidal anti-inflammatory; Main adverse reaction

Recebimento dos originais: 26/10/2020

Aceitação para publicação: 03/12/2020

## INTRODUÇÃO

Os medicamentos têm uma função importante nas práticas de saúde na sociedade atual, de modo que a maioria das intervenções utiliza ao menos um medicamento. Em consequência pode-se concluir que os medicamentos estão presentes nas residências, já que os tratamentos, de maneira em geral, não se esgotam nos hospitais, ambulatórios ou nos consultórios médicos (TIERLING *et al.*, 2004).

A automedicação pode ser definida como o uso de medicamentos sem prescrição médica, quando o próprio paciente ou seu responsável decide qual medicamento utilizar, incluindo-se nessa designação genérica, a prescrição de medicamentos por pessoas não habilitadas, como amigos, familiares ou balconistas de farmácia (VILARINO *et al.*, 1998). No entanto, para alguns autores a reutilização de antigas receitas médicas assim como a adesão de outras estratégias terapêuticas como plantas medicinais e remédios caseiros inclui na designação de automedicação (ARAÚJO *et al.*, 2015).

Para a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) a automedicação é a prática pelo qual os indivíduos tratam sintomas utilizando MIP's (Medicamentos Isentos de Prescrição), sendo que estes têm a segurança e a eficácia comprovadas, quando utilizados sensatamente (BRASIL, 2001). A Organização Mundial da Saúde (WHO) (2000) considera a automedicação como o uso de diferentes estratégias com finalidade terapêutica sendo uma prática de necessidade particularmente de países pobres, e como uma maneira de complementar os sistemas de saúde.

Sendo um assunto muito preocupante a automedicação tem se tornado uma importante fonte de discussão na cultura médica-farmacêutica em razão da automedicação inadequada poder trazer efeitos indesejáveis e mascaramento de enfermidades, representando um grave problema de saúde pública (ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA, 2001).

É visível que a automedicação consiste de um fenômeno complexo que pode estar associado com a facilidade de obtenção de medicamentos, bem como a falta de disponibilidade de informações sobre esses, somados a pouca divulgação sobre o risco desse procedimento, levando a um elevado número de casos na população, com conseqüente aumento das intoxicações (ARAÚJO *et al.*, 2015).

O Sistema Nacional de Informações Toxicofarmacológicas (Sinitox/Fiocruz) relata os medicamentos como os principais agentes de intoxicação com cerca de 14 mil casos no ano de 2017, sendo responsável por 26,37% do total de casos registrados deste tipo de intoxicação (BRASIL, 2017). Além das intoxicações vale destacar a carência de dados sobre ocorrências decorrentes da utilização inadequada de medicamentos em virtude da ausência de conhecimentos dos pacientes sobre os medicamentos (TIERLING *et al.*, 2004). Diante disso, os hospitais chegam a gastar cerca de 15% a 20% dos seus recursos para tratar as complicações causadas pela automedicação (BRASIL, 2006).

Os agentes anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) são os fármacos mais prescritos na medicina e os mais utilizados entre a população, além de fazer parte da prática de automedicação (GOLAN, 2009). Atualmente existem mais de 50 AINES diferentes no mercado e muitas dessas drogas possuem propriedades anti-inflamatórias, analgésicas e antipiréticas, sendo dessa forma utilizadas frequentemente sem prescrição quando em caso de pequenas dores (RANG *et al.*, 2016).

Sendo assim, o farmacêutico tem um papel importante na etapa de orientação sobre o uso correto do medicamento. O trabalho da atenção e assistência farmacêutica com a população na hora da dispensação do medicamento é fundamental, pois é nesse momento que o paciente vai receber orientações sobre o medicamento e seu uso. Além disso, vale ressaltar a necessidade da realização de estudos epidemiológicos que busquem os impactos da automedicação na saúde das pessoas (ARAÚJO *et al.*, 2015; SOTEIRO, 2016). Pelas razões expostas o trabalho teve como objetivo avaliar a prevalência da automedicação com os anti-inflamatórios não esteroidais além de avaliar os efeitos causados por essa classe de medicamentos.

## METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como exploratória com abordagem quantitativa. O projeto inicial deste estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Plataforma Brasil, CAAE: 15334319.1.0000.5382 e parecer número 3.499.646.

A coleta de dados foi realizada durante a dispensação de medicamentos em uma drogaria particular, denominada Drogaria Total – Unidade Espírito Santo, localizada na área urbana do município de Espírito Santo do Pinhal – SP, Brasil, durante o mês de Agosto de 2019 em dias normais de funcionamento com no mínimo 100 clientes/pacientes, que aceitaram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Os critérios de inclusão adotados foram os voluntários terem idade igual ou superior a 18 anos e que comprem medicamentos na drogaria particular do município de Espírito Santo do Pinhal, independente do sexo e raça, que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa. Desse modo, a população do estudo foi estabelecida.

Foi aplicado um questionário elaborado especificamente para este estudo constituído de questões fechadas abordando: gênero; idade; escolaridade; profissão; efeitos adversos e perguntas sobre a pesquisa de automedicação com anti-inflamatórios não esteroidais.

Após a coleta, os dados obtidos nas entrevistas foram tabulados, categorizados e digitados no banco de dados do programa Microsoft Office Excel 2016, gerando resultados em tabelas e gráficos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o mês de Agosto de 2019, foram aplicados questionários na Drogaria Total – Unidade Espírito Santo até atingir 100 questionários. Após a aplicação dos questionários, verificou-se que 67% dos entrevistados eram do sexo feminino e 33% do sexo masculino. O sexo feminino em relação ao sexo masculino predomina a maioria dos estudos sobre o consumo de medicamentos, da mesma forma que nesse estudo, pois as mesmas costumam cuidar mais de si, e de acordo com a literatura, possuem maior preocupação com a sua saúde e são responsáveis pelo cuidado com a saúde de suas famílias. Além disso, as mulheres costumam procurar mais os serviços de saúde em busca de ajuda, uma vez que estão mais atentas a sintomatologia das doenças (TEZOQUIPA *et al.*, 2001).

A idade predominante dos participantes nessa pesquisa foi entre 36 a 60 anos (53%), seguido de 26% com mais de 61 anos e 21% entre 18 e 35 anos.

Muitos estudos discutem a importância de fatores como sexo e idade na determinação do uso dos AINES. Neste sentido, mostram que os AINES são mais comumente utilizados pelas

mulheres, enquanto a idade não é um forte indício da utilização dos mesmos. O que se sabe é que o consumo de medicamentos aumenta com a idade e que o consumo entre as pessoas de 50 anos ou mais é bem maior, por causa da presença de morbidades específicas, sobretudo das relacionadas às dores (ANTONOV; ISACSON, 1996).

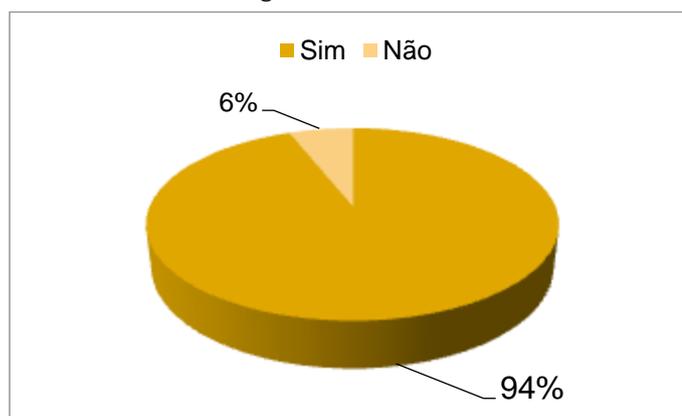
Em relação à escolaridade verificou-se que a maioria das pessoas tem ensino médio completo (42%), seguido do ensino fundamental (29%), graduação (28%) e apenas (1%) não apresenta escolaridade.

Em alguns trabalhos, o grau de escolaridade aparece, principalmente, relacionado à automedicação, com tendência crescente de consumo entre os mais escolarizados. Isso porque, um maior nível de escolaridade está associado a um maior conhecimento sobre saúde-doença (FRANCO *et al.*, 1987).

Dentre os entrevistados 7% são profissionais da saúde e 93% não. Correlacionando com a automedicação foi possível perceber que todos os profissionais de saúde o realizam. Alguns fatores merecem destaque no desencadeamento da automedicação entre os profissionais da saúde como, o tempo de trabalho na área de dispensação de remédios, anos trabalhados no estabelecimento, formação profissional, idade dos profissionais, função realizada na instituição, além do próprio ambiente, das condições de trabalho e o acesso aos medicamentos (SILVA; MARQUES; GOES, 2008).

Quando perguntado sobre a ingestão de anti-inflamatório a maioria das pessoas (94%) responderam que ingeriram no prazo de 6 meses que antecederam a pesquisa (Gráfico 1).

**Gráfico 1 - Ingestão de anti-inflamatórios**

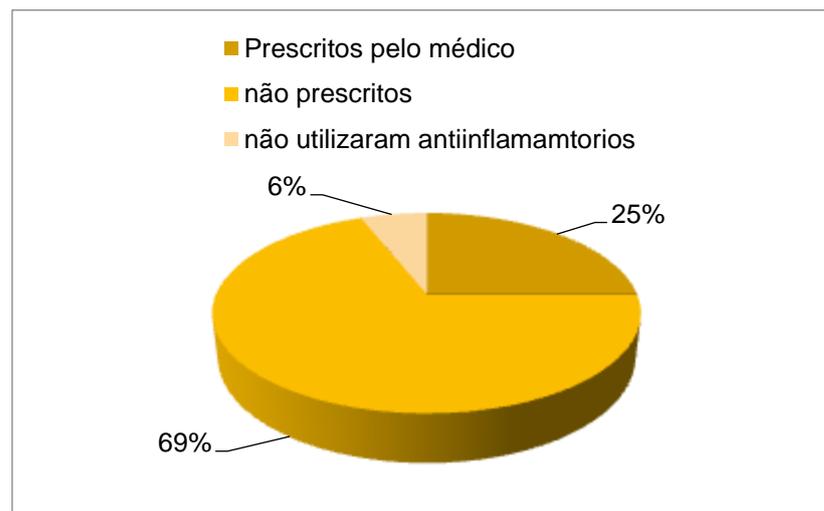


FONTE: Dados da pesquisa (2019).

Esse resultado pode ser explicado pelo fato de que essa classe de medicamentos possui propriedades anti-inflamatórias, analgésicas e antipiréticas, sendo dessa forma utilizadas frequentemente sem prescrição quando em caso de pequenas dores (RANG *et al.*, 2016). Além disso, esses medicamentos conseguem ser comprados facilmente sem prescrição médica.

Em relação ao consumo dos AINES sem a prescrição médica, 69% responderam que o fazem (Gráfico 2), sendo um número considerável para a automedicação.

Gráfico 2 - Índice de automedicação

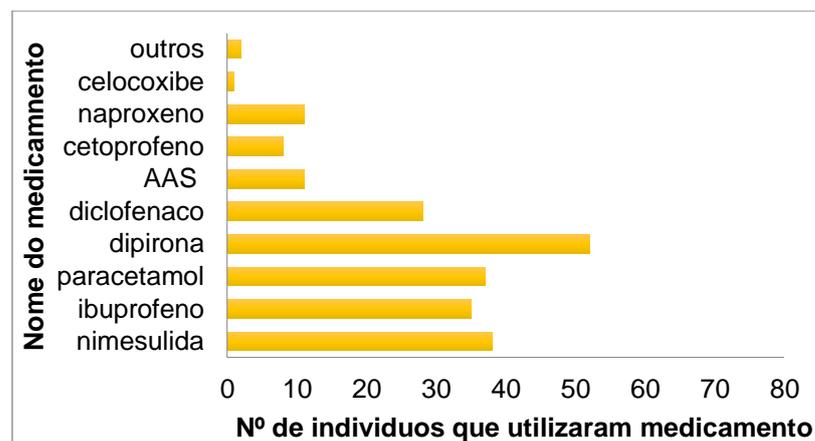


FONTE: Dados da pesquisa (2019).

E desses que se automedicaram alguns disseram que fizeram o uso por conta própria por já terem em casa (27,54%) e outros por indicação de um profissional de saúde (24,63%). Apesar da maioria dos medicamentos não terem sido prescritos por um médico, 24,63% que responderam o questionário disseram que realizaram automedicação, mas procurou um profissional de saúde antes da prática, na maioria farmacêutico. Além de serem profissionais especializados que podem atuar em várias áreas da saúde, os farmacêuticos são responsáveis pela assistência e atenção farmacêutica, como a orientação e dispensação segura do medicamento (SOTEIRO, 2016).

Como já foi dito, a facilidade de obtenção desses medicamentos agrava no uso inadequado destes. Além disso, muitas vezes esse medicamento já vem à quantidade certa para um tratamento eficaz, e muitas pessoas não fazem corretamente, sobrando o medicamento. É por esse e por outros motivos que geralmente as pessoas já possuem esse tipo medicamento em casa (27,54%), facilitando na prática de automedicação. A seguir apresenta-se o Gráfico 3 que mostra os AINES mais consumidos entre os entrevistados. A pergunta foi sobre quais anti-inflamatórios as pessoas faziam uso, podendo assinalar mais de um.

Gráfico 3 - Anti-inflamatórios mais consumidos entre os entrevistados



FONTE: Dados da pesquisa (2019).

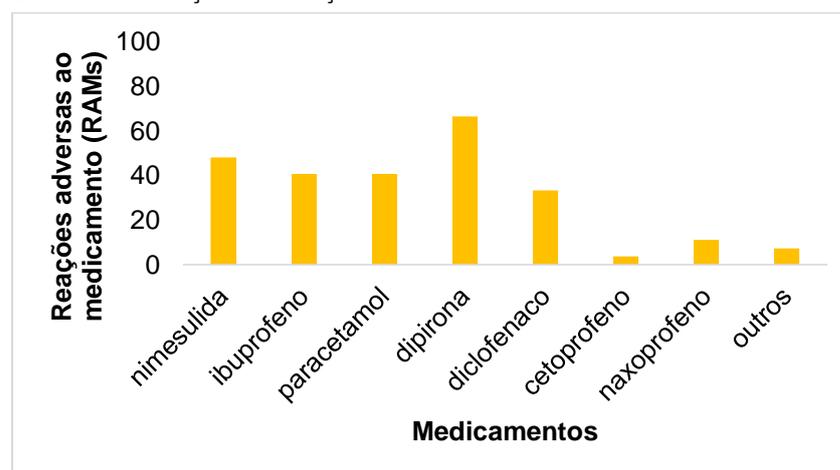
Os AINES mais utilizados no período de 6 meses que antecederam a pesquisa foram a dipirona (52%), nimesulida (38%), paracetamol (37%), ibuprofeno (35%) e diclofenaco (28%). Esses AINES são considerados os fármacos de primeira escolha para diversos tipos de inflamação como tendinites, amigdalites, faringites, febre, algumas cefaleias além de serem extremamente eficazes no tratamento da dor leve a moderada. O preço desses AINES pode ser um fator determinante na sua escolha variando entre R\$ 5,00 a R\$ 20,00 reais (valores de acordo com o PMC – Preço Máximo ao Consumidor). Além disso, a maioria desses medicamentos não apresentaram reações adversas para os entrevistados, o que facilita na hora da compra.

Já os demais fármacos como o naproxeno (11%), cetoprofeno (8%), celecoxibe (1%), entre outros (2%), observa-se uma procura menor por normalmente serem medicamentos prescritos por um médico e esses possuem o valor mais elevado podendo chegar até R\$ 50,00 o seu custo.

O AAS (ácido acetilsalicílico) (11%) apesar de ser um medicamento de baixo custo à maioria das pessoas só o procuram com prescrição médica. Embora essa classe de medicamentos apresente muitas reações adversas, a maioria das pessoas (66%) que responderam o questionário não apresentou nenhuma reação. E os que apresentaram reações tiveram principalmente dor de estômago (16%).

O uso de AINES pode estar relacionado ao surgimento de ulcerações gastrointestinais que variam desde pequenas ulcerações até perfurações, únicas ou múltiplas, em toda a mucosa gástrica, causando dor de estômago, náuseas, vômito, dispepsia e diarreia. Os AINES atuam inibindo a enzima COX-1 nas células epiteliais gástricas reduzindo assim as prostaglandinas citoprotetoras da mucosa, em especial a PGI<sub>2</sub> e a PGE<sub>2</sub>, deixando a mucosa mais suscetível a lesões (GOODMAN; GILMAN, 2012).

Gráfico 4 - Relação das reações adversas com os medicamentos



FONTE: Dados da pesquisa (2019).

Da mesma forma que a dipirona foi o medicamento mais consumido, quando relacionado com a reação adversa também foi o que mais provocou com 66,6% seguido de nimesulida 48,14% como mostra o Gráfico 4. Deve ser lembrado que os voluntários podiam marcar mais de um medicamento.

A pesquisa demonstra um dado preocupante com a população estudada, levando em conta o fato das pessoas não procurarem informações (67,02%) dos medicamentos antes de se

automedicarem. Embora algumas pessoas tenham declarado que procuram informações sobre os medicamentos, (69,15%) não tem conhecimentos dos riscos causados pelo o uso incorreto de AINES, não conhecendo as reações adversas dos anti-inflamatórios.

Os dados mostraram que as pessoas que procuram informações, 45,16% procuram através de um farmacêutico, mostrando mais uma vez a importância do farmacêutico na atenção e assistência farmacêutica (45,16%), seguido da bula (32,26%),

O farmacêutico é o profissional que tem por obrigação orientar o indivíduo quanto à utilização do medicamento, visto que o uso prolongado e inadequado de AINES pode trazer malefícios e riscos à saúde do indivíduo. É dever do farmacêutico orientar sobre as possíveis indicações e contra-indicações, assim como interações, tempo de tratamento e acompanhamento médico (SILVA; MENDONÇA; PARTATA, 2014).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A automedicação de uma forma em geral é preocupante, e com os anti-inflamatórios não seria diferente. De acordo com os resultados desse estudo podemos concluir que a taxa de automedicação com anti-inflamatórios não esteroidais é alta devido suas propriedades anti-inflamatórias, analgésicas e antipiréticas, e também pelo fácil acesso e baixo preço desses medicamentos. Além disso, os entrevistados disseram que fizeram o uso por conta própria por já terem o medicamento em casa e outros por terem sido indicados por um profissional de saúde. Os AINES mais consumidos foram a dipirona, a nimesulida, o paracetamol, o ibuprofeno e o diclofenaco.

O perfil encontrado coincide com muitas pesquisas realizadas atualmente, provavelmente pelo fato de que as mulheres, em geral, procuram cuidar mais da sua saúde e da sua família, e por isso estão mais expostas ao uso de medicamentos. As pessoas mais velhas tendem a fazer uso com mais frequência de AINES devido ao surgimento de doenças inflamatórias crônicas comuns com a idade, porém a classe de idade que predominou nesse estudo foi de 36 a 60 anos.

Os anti-inflamatórios não esteroidais são uma das classes mais utilizadas pela população e são potenciais agravantes ou causadores de problemas gástricos e intestinais, como ulcerações. A maioria dos entrevistados não apresentaram reações adversas com o uso dos AINES e os que apresentaram sentiram dor de estômago como a principal reação. Talvez essa baixa de reações adversas justifique o uso desses medicamentos sem prescrição.

Por meio dos dados obtidos podemos observar com clareza a falta de informação das pessoas em relação ao medicamento e sobre seus riscos, levando a uma reflexão sobre o papel do farmacêutico e sobre a responsabilidade deste profissional na promoção do uso adequado dos medicamentos. Através de informações claras e da dispensação correta é possível que os tratamentos com medicamentos sejam efetuados de forma mais racional, eficaz e segura. Reforçando, assim, a função da farmácia como uma unidade de saúde e não apenas como um estabelecimento comercial.

Pode-se notar a necessidade de investimento em planos de educação em saúde visando a redução do uso indiscriminado de medicamentos, bem como o surgimento de novas doenças e agravos a saúde da população em geral.

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDRI, A. M. *et al.* Propaganda de medicamentos: um desafio para todas as profissões. *Rev. Bras. Farm.*, 92(2): 66-70, 2011.
- ANDRADE, C. T. S. *et al.* Avaliação dos hábitos associados à automedicação em uma farmácia comunitária em Aracaju - SE: a luz para o farmacêutico. *Cadernos de Graduação*, 1(15): 19-31, 2012.
- ANTONOV, K.; ISACSON D. Use of analgesics in Sweden – the importance of sociodemographic factors, physical fitness, health and health-related factors, and working conditions. *SocSciMed*, 42(11): 1473-81, 1996.
- ARAÚJO, A. L. *et al.* Estudo brasileiro sobre automedicação: uma análise da literatura. *Rev. Bras. Farm.*, 96(2): 1178-1201, 2015.
- ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA. Automedicação. *Rev. Ass. Med. Brasil*, 47(4): 269-270, 2001.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Consulta Pública nº 95, de 19 de novembro de 2001.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Gerência de Monitoramento e Fiscalização de Propaganda, Publicidade, Promoção e Informação de Produtos sujeitos a Vigilância Sanitária (GPROP/DIFRA). Projeto de educação e promoção da saúde no contexto escolar: o contributo da Agência Nacional de Vigilância Sanitária para uso racional de medicamentos. *Caderno do Professor*, Brasília, ANVISA, p.40, 2007.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Parcerias para diminuir o mau uso de medicamentos. *Rev. Saúde Pública*, 40(1): 191-94, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Uso Racional de Medicamentos: temas selecionados*, 2012.
- BRASIL. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX), 2017. Casos registrados de intoxicação humana por agentes tóxicos e circunstâncias.
- BREGANÓ, J. W. *et al.* Comparison of selective and non selective cyclo-oxygenase 2 inhibitors in experimental colitis exacerbation: role of leukotriene B4 and superoxide dismutase. *Arq Gastroenterol*, 51(3): 226-234, 2014.
- CARVALHO, A. R. Mecanismo da Febre. 30 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Faculdade de Ciências de Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2002.
- DUARTE, H. K. O. S.; SILVA, F. A.; RAIMUNDO, R. J. S. Estudo sobre automedicação no uso de anti-inflamatórios não esteroides na cidade de Valparaíso de Goiás. *Revista Saúde e Desenvolvimento*, 9(5): 142-153, 2016.
- FERNANDES, W. S.; CEMBRANELLI, J. C. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. *Revista Univap*, 21(37): 5-12, 2015.
- FRANCO, R. C. S. *et al.* Consumo de medicamentos com um grupo populacional da área urbana de Salvador-BA. *Rev. Baiana Saúde Pública*, 13/14(4/1): 113-21, 1987.
- GOLAN, D. E. *et al.* *Princípios de farmacologia: a base fisiopatológica da farmacoterapia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.
- GOODMAN & GILMAN. *As Bases Farmacológicas da Terapêutica*. 12ª Edição. Porto Alegre: AMGH Editora, 2012.
- KIYOTANI, B. P. Análise do comportamento de compra de medicamentos isentos de prescrição e da automedicação. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Farmácia-Bioquímica) - Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" UNESP, Araraquara, 2014.
- PINTO, N. Q. O. *et al.* Atuação do profissional farmacêutico frente ao uso de paracetamol como medicamento de venda livre. *FACIDER Revista Científica*, 7: 1-19, 2015.

- RAMOS, V. O. A automedicação por dipirona no município de Redenção da Serra. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Farmácia) - Faculdade de Pindamonhangaba, Pindamonhangaba, 2010.
- RANG, H. P. *et al.* Farmacologia. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.
- SALES, K. H.; LACERDA, L. H. G. A utilização de anti-inflamatórios não esteroides (AINEs) por idosos clientes de duas drogarias privadas de municípios de Minas Gerais, 2017. Disponível em: <<http://jornal.faculdadecienciasdavid.com.br/index.php/RBCV/article/view/152/119>>. Acesso em: 13 mai 2019.
- SILVA, J. M.; MENDONÇA, P. P.; PARTATA, A. K. Anti-inflamatório não-esteróides e suas propriedades gerais. Revista Científica do ITPAC, 7(4): 1-15, 2014.
- SILVA, R. A.; MARQUES, F. D.; GOES, P. S. A. Fatores associados à automedicação em dor de dente: análise a partir dos profissionais dos estabelecimentos farmacêuticos da cidade do Recife, PE. Ciência & Saúde Coletiva, 13: 697-701, 2008.
- SOTEIRO, K. A. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. Revista da Graduação – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 9(2): 1-15, 2016.
- SOUZA, H. W. O.; SILVA, J. L.; NETO, M. S. A importância do profissional farmacêutico no combate à automedicação no Brasil. Revista Eletrônica de Farmácia, 5(1): 67-72, 2008.
- TEZOQUIPA, I. H.; MONREAL, M. de la L. A.; SANTIAGO, R.V. El cuidado a la salud en el ámbito doméstico: interacción social y vida cotidiana. Rev. Saúde Pública, 35(5): 443-50, 2001.
- TIERLING, V. L. *et al.* Nível de conhecimento sobre a composição de analgésicos com ácido acetilsalicílico. Rev. Saúde Pública, 38(2): 223-7, 2004.
- VILARINO, J. F. *et al.* Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. Rev. Saúde Pública, 32(1): 43-9, 1998.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Guidelines for the Regulatory Assessment of Medicinal Products for use in Self-Medication. Geneva, 2000.
- YAZBEK, P. B. Atenção Farmacêutica: o processo de indicação farmacêutica para Medicamentos Isentos de Prescrição. 135 f. Trabalho de Conclusão de curso (Bacharelado em Farmácia-Bioquímica) - Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP, Araraquara, 2012.